

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA LOBIVAR MATOS: UM NOME JÁ RECONHECIDO PELA CRÍTICA

Susylene Dias de Araújo¹



Resumo: Lobivar Matos (1915-1947), poeta que em *Areôtorare*, seu livro de estréia, no ano de 1935, apresentava-se como desconhecido, é o assunto deste artigo, na tentativa de reunir alguns escritos sobre sua vida e obra para assim contrariar a perspectiva inicial de um artista relegado ao esquecimento. Acreditamos que no momento em que a visada crítica se volta para esta produção, os estudos culturais desenvolvidos em Mato Grosso do Sul cumprem com a importante função de considerar a literatura e a sociedade numa natureza composta, conforme aqui será observado.

Palavras-chave: Lobivar Matos, estudos culturais, literatura em Mato Grosso do Sul.

Abstract: Lobivar Matos (1915-1947), a poet who in his first book, *Areôtorare*, introduced himself as an unknown author, is the subject in this article which tries to put together some written texts about his life and work and then to contradict a first perspective of an artist left to the forgetfulness. We believe that at the moment in which the critical view turns to this production, the cultural studies developed in Mato Grosso do Sul accomplish the important function of considerate the literature and the society in a composed nature, according to what is going to be seen here.

Keywords: Lobivar Matos, cultural studies, literature in Mato Grosso do Sul.

Introdução

O espaço conquistado pelos Estudos Culturais no contexto brasileiro a partir dos anos de 1990 possibilitou que se tornassem evidentes as ligações entre a forma social e a estética, de certa forma uma iniciativa por aqui tomada pelas reflexões do crítico Antonio Candido, ao insistir no enfoque da literatura e da sociedade.

Para validar a idéia de que toda interpretação de uma manifestação cultural encerra opções voltadas à teoria e à prática e que tais opções são marcadas pelo momento histórico em que se dão e em que estas são modeladas pelas determinações próprias do tempo, no que diz respeito à literatura, o texto literário, a partir da ótica dos estudos culturais, passa a ser considerado em suas confluências e interações com outros objetos e/ou identidades culturais. De um ponto de vista da prática dessa intenção, a crítica toma como procedimento a identificação ou a recuperação de obras que, distanciadas das esferas canônicas, passam a ser lidas por meio de um instrumental teórico multicultural.

Seguindo essa nova alternativa, uma revisão na questão da cultura local, ou mais especificamente, novos olhares para a literatura produzida em nosso espaço regional vêm se despontando, e o exemplo a ser mencionado em nosso estudo diz respeito a um crescente avanço

nas considerações sobre a obra produzida pelo escritor Lobivar Matos (1915-1947). A partir de uma nova visada para a Literatura produzida em Mato Grosso do Sul, o mencionado autor, pelo conjunto de sua obra, tem sido assunto, atualmente, de artigos, resenhas e estudos acadêmicos. No último Congresso Internacional da ABRALIC, realizado no Rio de Janeiro no ano de 2006, Lobivar foi tema de 3 trabalhos apresentados em 3 diferentes Seminários, o que atesta a assertiva aqui apresentada. Nesta oportunidade, a guisa de um pequeno mapeamento, analisaremos algumas dessas aparições, fato característico de novos traços que desenham o perfil da crítica, no momento em que esta se volta a questões discursivas, cujos objetivos estão pautados pela reconstituição da memória cultural.

Três críticos, apresentados na seqüência dos trabalhos que prestigiaram a ótica dos Estudos Culturais em Mato Grosso do Sul, constituirão o *corpus* norteador de nosso estudo: José Octávio Guizzo, jornalista e colaborador da Revista *Griffo*, publicação hoje extinta, mas de importante circulação para a divulgação da cultura de Mato Grosso do Sul; Paulo Sérgio Nolasco dos Santos e Maria Adélia Menegazzo, ambos estudiosos da literatura sul mato-grossense que, conforme já mencionamos, dedicaram parte de seus interesses à abordagem de aspectos da poética local e



também de Lobivar Matos, o poeta que se autodenominou “desconhecido”. José Octávio Guizzo será enfocado por seu artigo “Lobivar Matos – a ilusão e o destino do poeta desconhecido”, publicado na edição de setembro de 1979 da já mencionada revista *Griffo*; Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, visto por seu ensaio “Sobre um inédito de Lobivar Matos”, dedicado em 1999 à figura intelectual de um dos guardiões da cultura do Estado de Mato Grosso do Sul; o professor José Pereira Lins, publicado pelo GT de Literatura Comparada da ANPOLL, na sessão de Fóruns da *home page* da Associação; e, finalmente, Maria Adélia Menegazzo, que será mencionada por seu artigo “Matos e Barros: memória e invenção da modernidade na poesia sul-mato-grossense”, encontrado na revista *Letras de Hoje* e publicado em junho de 2001 em Porto Alegre-RS. A ligação entre os autores se mostrará como elemento de motivação para que, a partir de seus escritos, um nome artístico, mencionado na assinatura de Lobivar Matos, seja apresentado a novos olhares que passam a ser direcionados para a obra desse escritor por muito tempo esquecido.

Lobivar de Matos – A ilusão e o destino do poeta desconhecido, por José Octávio Guizzo

Neste artigo, o jornalista dedica quatro páginas da revista *Griffo*, na edição de setembro de 1979, para falar de um certo Lobivar, a quem ele mesmo se refere como aquele que não fora simplesmente um homem, e sim uma *convulsão humana*. Com a intenção de situar o leitor na linha do tempo da época referida, o autor menciona o Modernismo Brasileiro a partir de suas limitações locais, que inicialmente restringiram o movimento ao eixo do sudeste brasileiro, já que a região sul-mato-grossense historicamente só se fizera descoberta com o advento da Guerra do Paraguai e com a chegada da primeira locomotiva em 1914.

Minucioso, o autor comunica ao leitor, com exatidão, um tempo determinado, o dia 12 de janeiro de 1915, ano em que o Modernismo despontava em Portugal e, um lugar, a rua 13 de maio, nº 615, na cidade de Corumbá, hoje pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul, para ilustrar o nascimento de uma criança que curiosamente recebera o nome de Lobivar. Por conta de um erro do tabelião, ao se confundir na

escuta do nome Lorival, para a transposição escrita da curiosa forma Lobivar, um nome incomum fora designado para uma criança comum, que passou sua infância tranqüila pelas ruas da “cidade branca”, título pelo qual até hoje a cidade sul-mato-grossense do extremo oeste brasileiro é conhecida.

Até este ponto do artigo, temos a impressão de que as fontes do autor estão registradas em sua memória ou guardadas por pessoas próximas a Lobivar Matos. Tais impressões podem ser confirmadas quando, no início do quarto parágrafo, Guizzo confessa que, conforme o que conta o letrista Clio Proença, conterrâneo do poeta, Lobivar sabia mais ouvir do que falar.

Outra questão a ser considerada no artigo diz respeito à formação intelectual de Lobivar Matos. Para justificar suas inclinações poéticas, Guizzo afirma que Lobivar fora leitor do poeta Castro Alves e que, por uma curiosa coincidência, ambos tinham suas mães chamadas pelo nome de Brasília e ambos ficaram órfãos prematuramente. Assim, na mesma linhagem do poeta baiano, Lobivar Matos também buscava o conhecimento de seus conterrâneos, destacando-se, em sua formação como leitor, a poética de Pedro de Medeiros, poeta corumbaense e mestre, a quem coube a dedicatória daquele que talvez tenha sido seu primeiro poema, publicado na *Folha da Serra* de fevereiro de 1932, n. 5, ano 1 e aqui transcrito: / *Corumbá deslumbrante. Dorme na harmonia/ O teu sono infinito, / Nas rochas de granito, / Sob a luz sombria do calor*. Na seqüência, José Octávio Guizzo passa a tratar da maturidade de Lobivar Matos como poeta e assinala o desconhecimento da crítica, que não conhecia de Lobivar um único soneto. Assiduamente colaborando com a *Folha da Serra*, Lobivar assinava uma parceria com Cecílio Rocha e Etumbirdes Serra, também poetas da região, formando na contramão da tradição do Parnasianismo brasileiro a tríade da iniciação modernista sul-mato-grossense.

Outro destaque especial do artigo diz respeito ao ano de 1933, quando Lobivar Matos, aos 18 anos, dá um passo importante em sua formação, na ocasião em que sua avó consegue custear sua ida para o Rio de Janeiro, onde o jovem escritor é recebido por Filinto Muller, figura representativa do governo Vargas, padrinho dos mato-grossenses que por lá tentavam se aventurar. O relato segue para nos revelar aqueles que seriam os anos mais

significativos na vida de Lobivar Matos, que, após ingressar na Faculdade Nacional de Direito do então Distrito Federal, contrai núpcias com Nair Gomes de Araújo, com quem mais tarde viria a ter dois filhos: Silvio e Suely. Nessa esteira, o artigo menciona o ano de 1935, quando o público da época recebe *Areôtorare*, editado a partir de uma seleção de poemas que já vinham sendo publicados pela *Folha da Serra*.

Para finalizar o seu artigo, José Octávio Guizzo dá um salto para o ano de 1941, quando Lobivar volta a morar em Corumbá para ali servir como porta voz de seu povo. Em seguida, motivado pela sua inquietação, Lobivar transfere-se para Cuiabá, onde escreve para o Estado de Mato Grosso e de onde volta para o Rio de Janeiro para trabalhar como censor, revelando mais uma vez a sua face contraditória, pois, apesar do desempenho dessa função, Lobivar colabora constantemente com a imprensa carioca. Nessa mesma época, o homem Lobivar Matos contrai uma úlcera que, nos seus dizeres, “o obrigava dolorosamente a tomar leite”. O dia 27 de outubro de 1947 marcou o fim da vida de Lobivar Matos, uma vida repleta de literatura e que se encerrava, após muita luta, nos confins da Casa de Saúde Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro. Morria o Lolito.

Sobre um inédito de Lobivar Matos, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos inicia seu ensaio com a alegria de quem acaba de receber um presente. Segundo o autor, trata-se da cópia do poema “Sol”, manuscrito pelo próprio Lobivar Matos, datado de 1938. Após a transcrição do poema, Santos se apresenta como membro da linha de pesquisa “Limiares Críticos” da ANPOLL, justamente quando, num outro ponto do país, mais precisamente em Belo Horizonte-MG, quando esse grupo se encontrava reunido, o professor Santos acreditava ser este o momento para que, tendo Lobivar Matos como referência, os limiares fossem repensados. Em seguida, Santos observa dois fatos que se interligam na vida literária, na crítica e na academia universitária. Primeiro, por seu desconhecimento do nome deste poeta tão expressivo da literatura brasileira e depois pela imagem de uma espécie de “alfândega” que elege e condena alguns nomes artísticos ao esquecimento. Para Santos, seu interesse sobre Lobivar Matos nasce com o conhecimento de um

“dossiê” e da leitura do livro publicado sob o título de *Lobivar Matos – o poeta desconhecido*, cuja posse e autoria são assinadas por José Pereira Lins, um nome comum para a literatura produzida em Mato Grosso do Sul, o que leva o professor a mencionar:

Também isso veio ao encontro de um projeto de estudo, ainda restrito, que desenvolvo sobre a produção artístico-cultural sul-mato-grossense, cujo objetivo parte da constatação de que a região sul-mato-grossense não foi devidamente mapeada em sua rica diversidade cultural. Essa região, do extremo oeste do Brasil, marcada na sua formação por um variado processo migratório, favoreceu-se grandemente no desenvolvimento da sua produção artístico-cultural. Daí que, o objetivo principal desse projeto de estudo é a recuperação, registro e divulgação de aspectos e/ou questões específicas da região e que ainda não foram devidamente estudados e pesquisados. (SANTOS, 1999).

Em seguida, as observações de Santos apontam para o acesso ao conjunto da obra lobivariana como uma *chave* para novas considerações acerca das condições que se somam como forças conjuntas para a divulgação de um nome e de uma obra, o que também colabora para que Corumbá, a “cidade branca” de Mato Grosso do Sul e cidade natal do poeta, também se faça presente.

Justificando a “roupagem modernista” de Lobivar Matos pela referência a Tasso da Silveira e pelas considerações do poeta Manoel de Barros, amigo e contemporâneo de Lobivar, Santos considera a importância da reedição dos volumes de *Areôtorare* e *Sarobá*, datados de 1935 e 1936, respectivamente. Nesses exemplares, Nolasco visualiza a importância das obras como uma vigorosa fonte de estudos e costumes da região, sem contar na qualidade poética também mencionada.

Com efeito, há que se sublinhar a maestria com que o poeta corumbaense se utiliza do verso livre, da notação elíptica do verso e da disposição gráfico-espacial na folha em branco, num procedimento modernista, para criar imagens que, como no poema “Aranha tecedeira”, brotam da própria tessitura textual para significar a relação analógico-comparativa entre a “aranha-tecedeira” e o poeta que tece sem glória fios de seda, fios leves de ouro nas

fibras da sensibilidade humana.” Nesse sentido poderiam se justificar relações de homologia entre o poeta desconhecido e o autor da Educação pela Pedra, João Cabral de Melo Neto, por exemplo, nos poemas “tecendo a manha” e catar feijão. Outros versos lobiarianos tematizam a grandeza das coisas simples que muitas vezes lembram a poética de seu contemporâneo Manoel de Barros. Como nessa primeira estrofe do poema “Lavadeiras”. “A manhã – lavadeira velha – esfregou o sol/ e o estendeu na terra para secar [...]. (SANTOS, 1999).

Nos parágrafos finais do seu artigo, Santos relembra o cognome com o qual o próprio Lobivar se autodenominou, para chamar a atenção do redirecionamento da historiografia como uma das questões fundamentais da crítica literária contemporânea. Nolasco nos faz lembrar que o “poeta desconhecido”, por razões sócio-econômicas, tem sua obra e sua trajetória relegadas ao esquecimento, situação encarada como um apelo para que o dilaceramento do cânone nacional vigente seja evidenciado. Como conclusão de suas observações, Nolasco reconhece o quanto a literatura tem se nutrido de nomes que, como o de Lobivar, estão na classificação de ilustres, porém, desconhecidos.

Matos e Barros: memória e invenção da modernidade na poesia sul-mato-grossense, por Maria Adélia Menegazzo

Ao apontar a revisão crítica da modernidade como uma possibilidade de retomada da questão regionalista numa perspectiva plural, Maria Adélia Menegazzo, em seu artigo intitulado “Matos e Barros: memória e invenção na poesia sul-mato-grossense”, publicado no v.37 da revista *Letras de Hoje*, de junho de 2001, em Porto Alegre-RS, convida o leitor à reflexão a partir do caso da poesia sul-mato-grossense no sentido em que esta, sempre vista como regionalista, fica enquadrada pelos parâmetros naturalistas, numa visada que, ainda segundo a estudiosa, favorece leituras que rejeitam e excluem a memória e a invenção da modernidade. Ainda como introdução do artigo, Menegazzo aponta o senso comum e a divisão político-geográfica que deu origem ao Mato Grosso do Sul em 1977 como fatores contribuintes para a continuidade de uma reprodução limitada culturalmente, capaz de afastar a abordagem plena

do fenômeno literário considerado, por exemplo, no reposicionamento dos autores e das obras, o que resultaria em atualização a cada leitura.

Na primeira parte do recorte do *corpus* da análise proposta por Menegazzo, Lobivar Matos é apresentado como o autor de dois livros apenas, *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936), livros de poemas iniciados por prefácios que confirmam as observações da estudiosa a respeito da modernidade em relação à produção sul-mato-grossense. Observa a autora:

[...] já no primeiro livro anunciava a sua indisposição às formas apropriadas, ao sentimentalismo romântico-parnasiano e à visão da Arte como divertimento espiritual. Pretendia, assim, contribuir para a poética Nacional, então modernista. (MENEGAZZO, 2001, p. 236).

Concentrando suas atenções nos títulos escolhidos por Lobivar Matos para seus livros, Menegazzo reconhece a opção do poeta pela margem, pois só um artista engajado com o seu tempo e seu espaço poderia prestigiar o termo indígena *Areôtorare* em seu livro de estréia, e, em seguida, tornar conhecido a palavra *Sarobá*, nome de um bairro de negros de sua Corumbá.

Ao reconhecer a estratégia do poeta, a autora observa como Lobivar opera para que o termo *Areôtorare* atenda, em dois sentidos, a um apelo de inclusão: primeiro, quando buscamos o sentido da palavra para designar o índio sábio da tribo dos bororos, o responsável privilegiado pelo saber na tribo, o que remete à função social do poeta, ao disponibilizar a sua arte para se tornar a voz das minorias. Num outro sentido, o poeta, estando no Rio de Janeiro, por ocasião da publicação de seu livro, “estende os limites da margem”. (MENEGAZZO, 2001, p. 236).

Assim, quando menciona o poema de abertura de *Areôtorare*, intitulado “Destino do Poeta Desconhecido”, Menegazzo enuncia a disponibilidade do poeta para narrar e anunciar. Ao citar os versos em que o poeta se declara como o poeta desconhecido por não saber sobre o destino que o esperava, já que se considerava o próprio destino, a estudiosa reconhece a habilidade de Lobivar Matos para a poesia construída e redimensionada a cada palavra, como aquilo que ela mesma chama de artefato. Ainda na consideração desse poema, Menegazzo encara a imagem do poeta como um andarilho, um

observador da realidade envolto pelo deslumbramento da natureza e de sua realidade social, entre outras temáticas nitidamente modernistas.

Para se referir ao segundo livro assinado por Lobivar Matos, a autora esclarece que segundo o próprio poeta, o termo “sarobá” também assume mais de um significado. Com o deslocamento do acento para a sílaba anterior, a forma saróba refere-se a um termo usado na região do Pantanal para designar um lugar sujo, reservado ao criadouro de cobras. Já a forma sarobá, o nome do bairro de parte da população negra de Corumbá, é o “lugar sujo, templo eterno da miséria, mancha negra bulindo na cidade mais negra do mundo”, conforme palavras do próprio poeta. Também mencionando o poema de introdução da obra, a autora considera a sonoridade e o tratamento dado às palavras escolhidas por Lobivar Matos como inovação capaz de definir as imagens espaciais que o rodeavam. Finalmente reconhece:

Lobivar Matos colaborou, ainda, com a imprensa matogrossense de Cuiabá, Corumbá e Campo grande, através de crônicas reveladoras de sua visão de mundo. Desse modo, o poeta ao anunciar ou definir quadros da realidade através de seus versos recompõe a história. (MENEGAZZO, 2001, p. 238).

Na seqüência do artigo, a autora volta suas atenções para a poética de Manoel de Barros, já que sua intenção é traçar um paralelo entre memória e invenção da modernidade na poesia produzida em Mato Grosso do Sul. No entanto, nosso enfoque fica limitado à consideração da primeira parte do artigo, em que a autora faz referências específicas à poética lobivariana.

Três autores e suas diferentes considerações: José Octávio Guizzo, que tenta percorrer o caminho da vida intelectual e pública de homem que por ele mesmo se fizera, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, que evoca o reconhecimento de um importante poeta brasileiro, mais especificamente oriundo de sua terra, gente de sua gente, e Maria Adélia Menegazzo, que torna explícita a recuperação da memória de um poeta cuja tradição pode significar a revisão crítica de valores e autores utilizados pela historiografia para compor uma história da literatura em Mato Grosso do Sul. Na esteira dos estudos aqui explicitados, outros artigos têm apontado a poética de Lobivar Matos

como assunto para um número crescente dos estudos culturais em nossa região. Conforme já mencionamos, destacamos aqui a nossa própria ousadia, em alguns momentos sublimados pela Academia, em evidenciar o nome e a obra de Lobivar Matos por apresentar partes de nossa pesquisa em importantes congressos de literatura realizados no país desde 1999.

Como parte dessa iniciativa, destacamos também o trabalho desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em que Lobivar e sua obra se tornam objetos de estudo de minha tese de doutorado, ainda em andamento. No ano de 2006, o tema “Lugares dos Discursos” trouxe para a realização do Congresso Internacional da ABRALIC e para o seminário na audiência do tempo: “Regionalismo e intertextualidade na literatura de Mato Grosso: um breve estudo sobre Lobivar Matos”, apresentado por Genivaldo Rodrigues Sobrinho, pesquisador da Universidade do Estado de Mato Grosso, e, em recorte mais específico, nessa mesma ocasião, o seminário “Regionalismos Culturais: trocas, transferências, traduções” abrigou o tema regionalismo e negritude na poética lobivariana, desenvolvido por José Antonio de Souza, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Ao chegarmos às considerações finais de nossa proposta, verificamos que a atuação dos estudos culturais proporciona novas alternativas para a literatura produzida no Estado de Mato Grosso do Sul, já que a seleção de obras a serem lidas ou relidas pela crítica passa a ser tratadas dentro de novas possibilidades de experiências. Na prática, essa proposta de reconsideração, ou como apontam alguns, de dilatação do cânone nacional constituído, cumpre com uns dos primordiais papéis do exercício dos estudos culturais: a visível consideração das diferenças.

1- Mestre em Letras pela UFMS, doutoranda em Letras pela UEL - Universidade Estadual de Londrina e docente da UFMS, área de literatura.

Aceito para publicação em 23/11/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIZZO, José Octávio. Lobivar de Matos: a ilusão e o destino do poeta desconhecido. *Grifo*, Campo Grande, n.5, p. 57-60, 1979.



MATOS, Lobivar. *Areôtorare*. Rio de Janeiro: Irmãos Ponguetti, 1935.

_____. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Minha Livraria, 1936.

MENEGAZZO, Maria Adélia. Matos e Barros: memória e invenção da modernidade na poesia sul-mato-grossense. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.37, n.2, p. 235-239, 2001.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Sobre um inédito de Lobivar Matos. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/gt/ndex/htm>>. Acesso em 01 jun. 2007.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. In: BONNICI, Thomas. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2.ed. Maringá: Eduem, 2005. p.267-273.

CULLER, Jonathan. Literatura e estudos culturais. In: _____. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Becca, 1999. p. 48-58.